

Artigo - Temos Saída?

A pergunta, título do artigo é proposital e decorre das impressões que trago a baila, e que são de amplo conhecimento e repercussão junto à população. Senti-me instado, a fazer uma reflexão e escrevi algumas linhas como uma catarse individual que busco compartilhar. A convivência social tem se tornado cada dia mais difícil, multiplicam-se as manifestações de desprezo pela vida e pelos valores mais fundamentais da dignidade humana.

Parece que a insensibilidade e a obtenção de lucro fácil são a tônica de um mundo egoísta e martirizado pela ânsia de “TER E NÃO DE SER”. Somos compelidos diariamente, pelo noticiário escrito, falado e televisado a nos manter informados acerca dos fatos estarrecedores que eclodem no dia a dia de nosso país. O mais estranho, entretanto, é assistir de modo geral a omissão das autoridades, diante dos descalabros de corrupção praticados por agentes políticos deixando a população perplexa e indignada ou então, sermos obrigados a assistir à violência generalizada como os casos de estupro, muitas vezes seguido de morte da vítima ocorrerem com frequência ou de latrocínios cometidos por adolescentes, ou da violência no trânsito praticada por condutores embriagados, ou da irresponsabilidade médico-hospitalar onde o paciente faleceu por falta de atendimento, ou então, de mais um massacre em uma escola vitimando crianças em tenra idade ou ainda, de uma quadrilha organizada constituída por policiais que matavam a soldo, traficavam drogas e assaltavam bancos.

Tais quadros do quotidiano brasileiro deixam-nos boquiabertos e em alguma medida anestesiados. A tudo isso, não respondemos com mobilização social contra os absurdos que povoam nossas vidas no Brasil. E, portanto, não é demasiado perguntar: Que tipo de sociedade estamos construindo? Qual a herança que desejamos legar para as próximas gerações? O que está acontecendo conosco? Nós nos reconhecemos como um país civilizado?

Cientistas sociais estudam e tentam desvendar as razões, ou melhor, a falta de razões, para tanta desumanidade nos agrupamentos humanos

urbanos e também nas áreas rurais. Certamente não estamos fazendo o necessário e nem o suficiente, para evitar essa escalada de violência de toda ordem. Quando uma sociedade é negligente com valores e princípios, fratura o senso moral coletivo e cria-se a possibilidade para o caos – é o conhecido dito popular cada um por si e DEUS por todos nós.

A desordem social é uma força destruidora, não por outra razão, ao optarmos pela convivência em grupos, abrimos mão, cada um, de parcela da liberdade individual, submetendo-nos a um código de convivência que deve por todos ser respeitado. Parece que no momento os atores sociais estão desviados de suas responsabilidades objetivas, por livre opção, peguemos um simples exemplo: há uma aceitação tácita, de que todo político é corrupto, contudo, desde que ele faça algo sua culpabilidade é diluída ou atenuada, é o “ROUBA, MAS FAZ”, assim, agimos de modo compassivo e tolerante com o erro.

O brasileiro médio de modo geral, apresenta-se no tocante ao comportamento social, descomprometido e a todo momento, transfere o que é também sua responsabilidade no convívio social, desobrigando-se do exercício da cidadania, facultando assim, os desmandos praticados pelas “AUTORIDADES” até por não acreditar que tenha mais solução. Nas escolas os jovens são ensinados a COMPETIR e não a COOPERAR, estamos desaprendendo o valor do trabalho honesto e socialmente comprometido e aí abrigamos a tolerância ao parasitismo social. Todos reivindicam mais DIREITOS sem haver correspondentes DEVERES. Cultivamos muito pouco o amor a pátria e, por conseguinte ao próximo.

Os valores ético-morais que são pilares fundamentais e constitutivos de uma civilização são bombardeados diariamente pelo relativismo a que os políticos com e sem mandato converteram a vida pública. Os que ferem e tiram vidas preciosas são premiados com a bolsa “BANDIDO” e o assessoramento de organizações em nome dos direitos humanos, sem os correspondentes direitos para as vítimas que nunca são visitadas e amparadas.

Agredimos diariamente o meio-ambiente em nome de suposto progresso econômico e da mais valia, poluímos os nossos rios, destruímos nossas

florestas contaminamos o ar e comprometemos todos os recursos naturais, destacando-se ainda, os assassinatos dos que defendem com suas vidas o meio-ambiente. Se sucedem, denúncias contra líderes religiosos acusados de pedofilia e corrupção. Os Líderes sindicais pouco nos representam, esvaziados que estão, em sua representatividade, por comportamento oportunista e antiético para com as categorias que deveriam representar e contaminados pelo acesso ao poder por ligação com governos e partidos políticos.

Nas escolas e Universidades reprovar alunos com desempenho insuficiente dá azo a toda sorte de maniqueísmo esquerdizante e o professor é patrulado ideologicamente por vestais e constrangido de forma absurda. Parece que perdemos em algum lugar da história a essência da razão e o objetivo da existência. Viceja como nunca a hipocrisia e a mentira que corrompeu a consciência coletiva. Temos vergonha de nós mesmos, e admitamos, que somos ausentes na educação dos jovens e excessivamente tolerantes com o erro dos menores que não podem ser admoestados de forma mais enérgica sob pena de ver-se pai e mãe, compungidos a responderem legalmente, pelo simples ato de estabelecer limites ao comportamento e desejo infanto-juvenis. Por outro lado, espera-se muito da justiça, mas sua lentidão e natureza classista, acaba por favorecer os que tem recursos financeiros para contratar bons advogados, tornando-a muitas vezes, inacessível aos cidadãos.

Sentindo-se impotente e por descrença na justiça o brasileiro comum, entrega à DEUS, a responsabilidade pela sua realização, já que nosso poder judiciário trabalha num ritmo muito lento e que ainda tem contra si, uma legislação absolutamente leniente e que protege muito pouco as pessoas. Por fim, creio que nossos problemas são tão grandes quanto a pequenez do comportamento humano dos dias atuais. A pergunta do início do texto então ressurge: Temos saída?

Professor Jairton Fraga Araujo